

# Boletim Adventista

Director e Editor: Ernesto Ferreira  
Proprietária: Casa Publicadora Angolana  
Redacção e Administração: Missão Adventista  
C. P. 3 - Nova Lisboa

Composição e Impressão: Missão do Bongo  
Lépi

NÚMERO AVULSO . . . . . 2\$00  
ASSINATURA ANUAL . . . . . 20\$00

Ano I — Número 6

Junho de 1963

## O Salmo do Pastor

“O Senhor é meu Pastor, nada me faltará”

Não me faltará descanso — «Dei-tar-me faz em verdes pastos.»

Não me faltará bebida — «Guia-me mansamente a águas tranquilas.»

Não me faltará perdão — «Refrige-ra (restaura) a minha alma.»

Não me faltará direcção — «Guia-me pelas veredas da justiça, por amor do Seu nome.»

Não me faltará companhia — «Ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte, não temeria mal algum porque Tu estás comigo.»

Não me faltará conforto — «A Tua vara e o Teu cajado me consolam»

Não me faltará alimento — «Preparas uma mesa perante mim na presença dos meus inimigos.»

Não me faltará alegria — «Unges a minha cabeça com óleo, o meu cálice transborda.»

Não me faltará coisa alguma neste mundo — «Certamente que a bondade e a misericórdia me seguirão todos os dias da minha vida.»

Não me faltará coisa alguma na eternidade — «E habitarei na casa do Senhor por longos dias.»

“Eu sou o Bom Pastor”

Não te faltará descanso — «Vinde a Mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e Eu vos aliviarei.»

Não te faltará bebida — «Se alguém tem sede venha a Mim e beba.»

Não te faltará perdão — «O Filho do homem tem na terra poder para perdoar pecados.»

Não te faltará direcção — «Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida.»

Não te faltará companhia — «Eis que Eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos.»

Não te faltará conforto — «Eu rogarei ao Pai, e Ele vos dará outro Consolador.»

Não te faltará alimento — «Eu sou o Pão da Vida; aquele que vem a Mim não terá fome.»

Não te faltará alegria — «Para que o Meu gozo fique em vós e o vosso gozo seja completo.»

Não te faltará coisa alguma neste mundo — «Buscai primeiro o reino de Deus e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas.»

Não te faltará coisa alguma na eternidade — «Vou preparar-vos lugar... para que onde Eu estiver estejais vós também.»

# «MEU FILHO, MEU FILHO»

L. L. Reile

Presidente da União Central Americana  
Divisão Inter-Americana

«Meu filho, meu filho!» soluçava a ansiosa mãe. Ela estava lá fora, debaixo das altas árvores, olhando para o novo doutor, que recentemente tinha deixado a sua pátria para ir para as selvas da América Central a fim de ajudar infelizes sofredores. Não tinha havido nenhuma campanha de propaganda para anunciar a sua chegada, mas a notícia espalhou-se rapidamente depois da sua vinda e centenas vieram para ser aliviados do sofrimento e para obter auxílio nas suas muitas aflições. Entre essas pessoas encontrava-se essa mãe com o seu filhinho.

Este era uma criança de dois anos de idade. Era ainda um débil infante, pois nunca tinha crescido muito desde o nascimento, sobretudo devido a alimentação deficiente. A mãe tinha experimentado todas as «curas» sugeridas por vizinhos de boa vontade, e finalmente tinha levado a criança a um distante hospital na cidade. Ali a criança foi bem tratada durante dois meses, mas pouco beneficiou. Desanimada e sem esperança, a mãe voltou com o seu filhinho para os montes, onde já tinha chegado a notícia de um médico missionário. A esperança voltou ao seu perturbado coração. Ansiosamente enrolou seu fraco filhinho no que dificilmente se poderia chamar uma manta, e percorreu a distância de 25 quilómetros pelos montes até chegar à «clínica». Que tocante espectáculo era ver a pobre senhora, com o seu típico amor materno, carinhosamente aconchegando seu filhinho doente, em busca de auxílio. Até então ela não tinha podido dar qualquer alívio ao seu querido doente, e ninguém mais tinha podido dar o necessário alívio.

O doutor via-se em dificuldade porque estava trabalhando sob condições muito primitivas com facilidades limita-

das. (Ele está aguardando o tempo em que possa ter mais equipamento e medicamentos, mas por enquanto tem de fazer o que pode com o pouco de que dispõe.) Ele queria dar uma transfusão de sangue — mas não podia, porque não havia sangue nem equipamento para a transfusão. Necessitava de alguns medicamentos que não podia obter. Todavia, fez tudo o que humanamente lhe foi possível em favor da criança moribunda, e encorajou a mãe a ficar no «hospital». Este «hospital» consistia numa tenda, que tinha sido levantada para abrigar tantos quantos pudessem entrar. O chão húmido e frio era o único soalho. A tenda não continha camas quentes e confortáveis em que se pudesse descansar. Alguns pedaços de lona e pequenos colchões de palha eram alegremente partilhados entre os sofredores. Muitos receberam grande auxílio.

Depois de receber o auxílio que o doutor pôde dar na primeira visita, a mãe foi para o «hospital», ou seja para a tenda, esperando que este bondoso médico pudesse ajudar o seu filhinho. Ela sabia que outros tinham sido curados, e era isso precisamente o que ela também queria, e assim aguardou esperançadamente.

Apenas poucas horas depois de a mãe ter chegado, vi-a na tenda. Já tarde naquela noite, percorri de novo o «hospital» com o médico e sua esposa. Estava frio — ali se encontrava a mãe, com o seu filhinho nos braços, dando-lhe tudo o que o amor podia dar.

Cedo na manhã seguinte ela dirigiu-se ao doutor, chorando amargamente, exclamando: «Meu filhinho, meu filhinho». O corpo sem vida estava em seus braços, por ela ainda apertado amorosamente. Ela tinha vindo demasiado tarde. Se tão somente o doutor ti-

*Continua na pág. 7*

# O Movimento Ecuménico e o Catolicismo

por Ernesto Ferreira

O Cristianismo, pregado pelos Apóstolos, regado com o sangue dos Mártires, esclarecido ou deturpado por numerosas controvérsias teológicas, es-tendera-se de tal maneira que no século IV se podia considerar a religião do Império Romano. Tendo passado por uma fase de adaptação à mentalidade e aos costumes da sociedade coeva, ele deixara de ser a confissão de fé de um «pequeno rebanho» para se converter numa religião popular, universal, de toda a gente, ou seja, católica.

Com a excepção de pequenos núcleos que, isolados pelas condições geográficas ou fugidos a perseguições, mantinham o Cristianismo evangélico, o Catolicismo manteve-se como a religião do mundo civilizado, persistindo por alguns séculos como um bloco monolítico.

A primeira grande cisão deu-se com a separação definitiva dos cristãos orientais (conhecidos por cristãos ortodoxos) no tempo do Patriarca de Constantinopla, Miguel Cerulário, em 1054. As tentativas de restabelecimento de união efectuadas no II Concílio de Lião, em 1274, e no de Florença, em 1439, resultaram infrutíferas.

A segunda grande cisão operou-se no século XVI, com a Reforma Protestante, por ocasião da qual uma parte importante da Europa se separou de Roma.

A Igreja Católica tem procurado terminar com esse fosso de separação, mas os seus esforços até há pouco não têm surtido apreciável efeito.

Por ocasião do Concílio de Trento, foram os protestantes convidados a assistir a fim de em conjunto serem discutidos os pontos convertidos. Eles, porém, recusaram-se a tomar parte nessa Assembleia.

Antes do I Concílio do Vaticano foram as Igrejas Orientais convidadas igualmente, mas também declinaram o convite. Quanto aos protestantes, o papa Pio IX, em 13 de Setembro de 1869,

convidava-os, não a enviarem abservadores a essa Assembleia, mas a «regressarem ao único redil de Cristo». Pode dizer-se que esse Concílio cavou ainda mais fundo o fosso de separação entre o Catolicismo e as outras denominações cristãs.

Entretanto diferentes grupos protestantes e ortodoxos foram-se organizando a ponto de, sob a designação de Conselho Mundial das Igrejas, constituírem um bloco imponente.

Por outro lado, a par desta tendência para a união dos protestantes e ortodoxos entre si, tem-se observado últimamente um movimento de aproximação deles em relação à Igreja Católica.

Duas razões explicam este procedimento: em primeiro lugar, procura-se a defesa da civilização cristã contra a onda de materialismo que cada vez mais se estende sobre o mundo; em segundo lugar, procura-se a defesa da civilização cristã contra o inegável ressurgimento e agressividade das antigas religiões não cristãs, sobretudo do Oriente.

Estas tendências de aproximação, subestimadas por Pio XII, foram sobretudo encorajadas por João XXIII que, por temperamento e por um longo convívio com as cristandades orientais, era particularmente indicado para o efeito.

E foi esse um dos objectivos que ele se propôs atingir ao convocar o II Concílio do Vaticano.

Menos de três meses depois de subir ao sólio pontifício, João XXIII manifestou a intenção de reunir um concílio ecuménico (25 de Janeiro de 1959).

Em 17 de Maio desse ano era nomeada uma comissão ante-preparatória, que tinha como função propor, depois de consultados os bispos de todo o mundo, sugestões acerca dos assuntos a tratar no Concílio e propor a composição dos vários organismos destinados à preparação imediata do mesmo. Essa fase ante-preparatória estava

treminada em 30 de Maio de 1960.

A partir de 5 de Junho entrava-se na fase preparatória. Foram instituídas uma Comissão Central, onze Comissões preparatórias e três Secretariados. (1)

Estas Comissões e Secretariados prepararam 70 títulos ou esquemas de projectos que foram apresentados à Comissão Central, que por sua vez deveria decidir sobre a sua proposição às deliberações do Concílio.

Entre esses títulos ou esquemas talvez seja de interesse para os leitores adventistas mencionar os seguintes:

Da *Comissão Teológica*: As relações entre a Igreja e o Estado e a tolerância religiosa.

Da *Comissão das Igrejas Orientais*: Decreto sobre o calendário perpétuo e a celebração da Páscoa.

Do *Secretariado para a União dos Cristãos*: Decreto sobre a Palavra de Deus; Constituição sobre a liberdade religiosa; Decreto sobre os judeus; Problemas sobre o convite aos não-católicos para o Concílio Vaticano II.

Ao passar-se em revista a longa lista dos assuntos propostos, depreende-se que os objectivos principais do Concílio seriam, não tanto de ordem teológica, embora esses não estejam excluídos, mas sobretudo de ordem prática, podendo resumir-se nos dois seguintes: 1) Adaptar a Igreja Católica aos tempos modernos; 2) Tentar uma união com os outros cristãos não católicos.

\* \* \*

O Concílio foi inaugurado em 11 de Outubro de 1962.

Estiveram presentes 2.540 «padres conciliares» (Cardeais, Patriarcas, Primazes, Arcebispos, Bispos, Abades e

---

(1) As Comissões preparatórias foram as seguintes: C. Teológica, C. dos Bispos e Governo das Dioceses, C. da Disciplina do Clero e Povo Cristãos, C. dos Religiosos, C. da Disciplina dos Sacramentos, C. da Sagrada Liturgia, C. dos Estudos e Seminários, C. para as Igrejas Orientais, C. para as Missões, C. para o Apostolado dos Leigos, C. do Cerimonial.

Os Secretariados foram os seguintes: S. da Imprensa e Espectáculos, S. Administrativo, S. para a União dos Cristãos.

Superiores de Ordens Religiosas), o que constitue uma boa percentagem em relação aos 2.800 que tinham o direito de estar presentes, alguns dos quais foram impedidos por motivo de doença ou por falta de autorização por parte de países comunistas.

A Europa esteve representada por 40% dos «padres», as duas Américas por 30%, e a Africa, Asia, e a Oceania pelos restantes 30%.

Nesta primeira fase do Concílio houve apenas duas reuniões públicas — a inicial e a final. A discussão e votação dos diferentes assuntos, depois de preparados pelas Comissões conciliares, tinham lugar em reuniões denominadas «Congregações Gerais». Realizaram-se 36 dessas reuniões, às quais eram admitidos os observadores oficialmente acreditados.

Os esquemas discutidos foram: 1) *A Liturgia*, de cujo decreto apenas foi votado o próemio e o capítulo I; 2) *Das Fontes da Revelação*, que suscitou tão viva discussão que, ao ser submetido a votação se o esquema devia ser rejeitado ou substituído por outro ou, pelo contrário, continuaria a ser discutido, 1368 «padres» foram a favor da rejeição e apenas 882 a favor da sua manutenção, ficando o assunto para voltar a ser discutido na nova fase do Concílio; 3) *Meios de Comunicação Social*: imprensa, cinema, rádio, televisão, etc.; 4) *Sobre a Unidade da Igreja*, visando apenas os cristãos separados do Oriente, chamados ortodoxos; 5) *Da Constituição Dogmática sobre a Igreja*, de que apenas foi iniciada a discussão.

Esta primeira fase do Concílio terminou em 8 de Dezembro de 1962.

A segunda fase tem o início anunciado para 8 de Setembro do ano corrente. Entretanto trabalha-se activamente com vista à simplificação dos trabalhos futuros, pretendendo João XXIII que os 70 esquemas elaborados pelas Comissões preparatórias sejam reduzidos a cerca de 20.

\* \* \*

Ainda é cedo para avaliar as consequências deste Concílio, visto encontrar-se apenas no seu início. Mas cre-

mos que são desde já de registrar as seguintes constatações:

1) Assim como na reunião do Conselho Mundial das Igrejas, em fins de 1961, estiveram presentes, pela primeira vez, observadores católicos oficialmente designados, assim também neste Concílio, estiveram pela primeira vez presentes «observadores delegados» de várias confissões religiosas cristãs não-católicas: das Igrejas Orientais Ortodoxas; da Igreja dos Velhos Católicos (União de Utrecht); da Igreja Episcopal (da Inglaterra, dos Estados Unidos e da Índia, Paquistão e Ceilão); da Federação Mundial Luterana; da Aliança Mundial Presbiteriana; da Igreja Evangélica da Alemanha; da Convenção Mundial da Igreja de Cristo (Discípulos); do Conselho Internacional Congregacionista; do Conselho Mundial Metodista; do Conselho Mundial das Igrejas; e da Associação Internacional do Cristianismo Liberal.

Além destes, estiveram presentes os seguintes convidados especiais do Secretariado para a União das Igrejas, presidido pelo Cardeal Bea, jesuíta: o prior e um membro da comunidade protestante de Taizé (França); o Dr. Oscar Culmann, professor das Universidades de Basileia e Paris; o prof. Berkouwer, da Universidade Protestante de Amsterdão; o Arcipreste Alexandre Schmemmann, vice-decano do Seminário Ortodoxo de Nova York; o Dr. S. Stuber, dos Estados Unidos; o cónego anglicano Bernardo Pawley.

Estes observadores sentiram-se muito lisonjeados com a honra que lhes foi concedida, e alguns mostraram-se francamente optimistas acerca da atmosfera e dos resultados do Concílio. Por exemplo, o Prof. Lindbeck, luterano, prof. da Universidade de Yale, afirmou: «O II Concílio do Vaticano marca o fim da Contra-Reforma». E acrescentou que, se o espírito do Concílio se confirmar, «a Igreja Católica poderá ser mais evangélica e mais fiel ao Evangelho do que muitas comunidades evangélicas».

2) Como também já se observara na reunião do Conselho Mundial das Igrejas, em Nova Delhi, foi dada ênfase, não tanto à preparação espiritual dos crentes para um mundo futuro, como

ao estabelecimento de uma ordem cristã já neste mundo. São particularmente elucidativas, sob este aspecto, as palavras de João XXIII, proferidas no discurso inaugural: «Parece-nos necessário dizer do nosso desacordo com os profetas de desgraça, que sempre anunciam catástrofes, quase a iminência do fim do mundo.»

3) Que espécie de unidade pretende a Igreja Católica em relação às outras confissões religiosas cristãs? A resposta é simples e inequívoca. Essa unidade só poderá realizar-se, não pela abdicação por parte da Igreja Católica de uma única das suas doutrinas ou posições, mas pela submissão pura e simples dos outros grupos. São bem claras as afirmações a este respeito proferidas quer pelo Papa quer por outras entidades responsáveis. Na sua Encíclica *Ad Petri Cathedram*, de 29 de Junho de 1959, diz aos não-católicos: A Igreja Católica «é tal que é a vontade de seu divino Fundador que nela todas as ovelhas possam reunir-se num só rebanho sob a direcção de um só pastor; é assim que à única casa do Pai, estabelecida sobre o fundamento de Pedro, são chamados todos os seus filhos. Devemos procurar reunir nela fraternalmente todos os povos, como no único reino de Deus.» E igualmente na Encíclica *Aeterna Dei Sapientia*, de 11 de Novembro de 1961, é manifestado o desejo da união de todos os cristãos a Roma, a fim de que a Cristandade constitua então «um só rebanho e um só pastor».

Será de esperar que tal suceda? É o que tencionamos examinar no próximo número desta revista.

---

*A maior necessidade do mundo é a de homens — homens que não se comprem nem se vendam; homens que no íntimo da alma sejam verdadeiros e honestos; homens que não tenham chamar o pecado pelo seu nome exacto; homens, cuja consciência seja tão fiel ao dever como a bússola o é ao polo; homens que permaneçam firmes pelo que é recto, ainda que caiam os céus.*

E. G. White, *Educação* pág. 57.

# Página

---

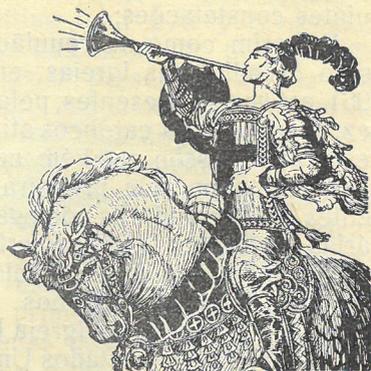
---

# da

---

---

# Juventude



## A Juventude e a Mensagem de Deus!

É com muito prazer que me dirijo aos estimados assinantes do Boletim Adventista para relatar uma estimulante experiência do joven Silvestre de Sousa que me acaba de explicar como veio a conhecer a Mensagem Adventista! Começou a ler a Bíblia por curiosidade, e era um sincero católico sendo assíduo à missa, o que não era sempre encarado pelos seus amigos como coisa de primeira necessidade, sendo acusado de fanatismo e que bastaria acreditar em Deus! O tempo foi-se passando e um dos seus amigos certo dia, mostrou-lhe uma lista para o provocar com as inovações do romanismo. Leu e depois pôs isso de parte. Porém, à noite preocupava-se com a leitura e viu que era necessário saber mais alguma coisa! Um dia resolveu tomar uma firme decisão antes da hora da missa, e novamente foi buscar a referida lista das inovações da Igreja e começou a estudá-la e ao mesmo tempo a compará-la com a Bíblia Sagrada. Ele queria ver se realmente essa lista era católica



O joven Silvestre de Sousa

ou não! Depois de estudar resolveu não ir mais à missa, e decidiu ir para protestante ou adventista mas mais adventista porque tinha, segundo disse, ouvido falar bem deles!

Entretanto veio para Sá da Bandeira, e assistiu ao primeiro culto adventista depois de já ter lido os folhetos que lhe foram enviados pela Igreja Adventista de Sá da Bandeira, para a terra onde anteriormente residia. Foi em meados de Dezembro do ano passado que o jovem assistiu ao primeiro culto adventista mas não ficou muito impressionado, mas continuou a ir aos cultos tendo chegado à conclusão de que não tinha encontrado nenhum erro. Em casa continuou a investigar e resolveu ler todo o Novo Testamento, e apontou todos os versículos concernentes à observância do Sábado e à Lei de Deus base da doutrina! Depois disto perdeu as dúvidas que tinha acêrca do Sábado. Contudo, sentia-se um tanto intrigado por saber que os protestantes também tinham a Bíblia e acreditavam na imortalidade da alma, e então decide ir assistir a um culto protestante. Ele ouviu sete cultos protestantes seguidos, tendo lido dois livros de doutrina protestante, e finalmente depois destas investigações chegou à conclusão absoluta da verdade do Advento que o tornou feliz e tranquilizou o seu agitado espírito na investigação da Verdade.

Este jovem depois de conhecer a teoria da Mensagem Adventista, teve que aplicá-la na prática, e reconhecendo a necessidade da guarda do Sábado desempregou-se pois mais importa obedecer a Deus do que aos homens, e con-

tinuou a estudar e a frequentar os cultos adventistas, não se baptizando já em virtude de ter que ir para o exército este ano, mas vai decidido a obedecer a Deus e a guardar os Seus Mandamentos. Oremos ao Senhor para que este jovem e outros como bons soldados de Cristo se mantenham firmes nas fileiras do Príncipe Emanuel!

Como este jovem há milhares que andam vivendo sem Deus e sem esperança e sem norte da Verdade da Palavra de Deus! Muitos se encontram fora do aprisco do Senhor julgando estar certos quando afinal estão errados, mas o Senhor está fazendo uma chamada geral e apelando a cada jovem e a cada alma neste mundo para uma decisão correcta com Deus. Muitos se encontram no oceano deste mundo sem mapa nem bússola em direcção ao Céu. «Mas Deus não tendo em conta os tempos da ignorância, anuncia agora e a todos os homens e em todo o lugar, que se arrependam». Actos, 17: 30.

Américo J. Rodrigues

### **A Deus nada é impossível**

Em meados do mês de Abril recebi ao meu cuidado o meu irmão Samuel Justino, a fim de ele realizar o seu exame da quarta classe do Ensino Primário Geral, pedindo-o extraordinariamente. Pedi à Repartição Escolar Distrital do Huambo as necessárias informações. Foi feito requerimento e o pedido foi deferido. Seguidamente a Repartição Escolar estipulou o dia 25 de Maio para os exames extraordinários. Consultei o Calendário e vi que era um Sábado. Fui de novo à Repartição a ver se era possível não fazer no Sábado o exame. A única resposta que me deram foi: «Isso é impossível. Só há duas alternativas: ou fazer exame no Sábado, ou não fazer e então perder o ano lectivo.»

Com esta resposta respirei fundo e disse que já estava o ano perdido. Levei a minha dificuldade ao senhor Presidente da União dos Adventistas do Sétimo Dia, que me orientou como fazer um requerimento a Sua Excelência o Governador Geral de Angola, pedindo que, a exemplo da praxe seguida na

Metrópole, e em virtude das convicções religiosas do requerente, lhe fosse destinado para as provas outro dia que não o Sábado. O requerimento foi entregue na Repartição Escolar e poucos dias depois foi recebida a resposta de que o exame teria lugar na segunda-feira, dia 27 do mesmo mês.

No dia marcado, apresentou-se o jovem Samuel Justino na escola que lhe foi indicada para fazer o exame. Lá estava o Sr. Professor Alberto L. de Melo, que logo lhe perguntou os motivos que o levaram a não se submeter às provas no dia de Sábado.

Graças a Deus as provas correram-lhe bem, de sorte que ficou aprovado no exame. Tudo que é para o homem impossível é para Deus possível.

Nova Lisboa, 30 de Maio de 1963

Alexandre Buckley Justino

---

## **«Meu filho, meu filho»**

*Continuação da pág. 2*

vesse estabelecido a sua clínica mais cedo, ou mesmo nesta data tardia se tão somente ele pudesse ter tido o equipamento e os medicamentos necessários, talvez o caso tivesse sido diferente.

Tantos necessitam do auxílio físico que nós podemos dar. Todavia, cada dia há numerosas mortes só porque não se pôde obter adequada atenção médica, ou esta veio demasiado tarde. Esta é uma condição patética, e pedimos o vosso auxílio. Ainda pior do que este sofrimento físico é o facto de que muitos estão vivendo no seu fanatismo e sem reconhecerem a sua própria condição necessitada. Ignoram um caminho melhor. Também estes devem ter a oportunidade de conhecer o Evangelho, e de ter o seu poder curador transformando as suas almas enfermas pelo pecado. Os vossos missionários consagraram-se a esta tarefa, e contam com as vossas orações e apoio.

---

## **Visado pela Censura**

# Digno de imitação

por E. V. Hermanson

Tenho diante de mim uma foto de Mateus João da Silva. É nativo, carpinteiro, e mora na Quitota. Começou o curso da Escola Rádio Postal em 29-8-59 e persistentemente foi estudando, preenchendo as provas escritas, enviando-as, duas de cada vez, espaçadas conforme o tempo necessário para seu estudo e a ida e vinda do correio, terminando brilhantemente este curso no dia 14 de Janeiro de 1963, data em que lhe enviamos o diploma. Durante esse tempo por duas vezes surgiu qualquer impedimento que nos levou a mandar-lhe uma circular convidando-o a prosseguir nos seus estudos, o que deu resultado.

Em resposta às perguntas que nos fez no fundo das provas escritas, manifestando o desejo de compreender melhor as lições ou para pedir outras explicações relacionadas com a Bíblia, tivemos o ensejo de enviar-lhe diversas cartas. Além das segundas copias das lições 9 e 10, mandamos-lhe 10 folhetos diferentes que explicam doutrinas bíblicas. Enquanto fazia o curso este aluno também fez assinatura das seguintes revistas: «O Atalaia», «Revista Adventista Brasileira», «Revista Adventista Portuguesa», e creio que irá agora assinar o «Boletim Adventista». Também comprou por nosso intermédio os seguintes livros: Evangelismo, Obreiros Evangélicos, Maior Discurso de Cristo, Desejado de Todas as Nações, Serviço Cristão, Lições Bíblicas, 1.º Ano; Instruções Bíblicas n.º 1, Liga de Estudo e Serviço, O Dízimo do Senhor em português, Focalizando a Nossa Época, Manual de Obreiros Voluntários, e Manual de Doutrina. Tivemos a honra na devida altura de brindá-lo com um exemplar de «Aos Pés de Cristo», permitindo-lhe assim possuir já nesta altura 6 livros do Espírito de Profecia.

Possue também a Bíblia e é diligente estudante das suas verdades. Pela leitura dos livros e pelo que aprendeu durante o curso, compreendeu a neces-

sidade de entregar seu coração inteiramente a Jesus, a quem recebe como seu Salvador pessoal. Por várias vezes que nos envia seus dízimos e pelas somas que recebemos estamos capacitados de que ele está a ser absolutamente fiel em dar ao Senhor um dízimo certo, como pede o Senhor em Sua palavra. Mostra também grande paixão pela salvação dos seus parentes, amigos e vizinhos, quer explicando-lhes as verdades da Bíblia, quer animando e ajudando os alunos que inspirou a fazerem este curso, quer visitando os doentes hospitalizados no hospital da firma onde trabalha. Compreendeu plenamente a necessidade de receber o batismo bíblico para sua salvação e desejoso de conformar-se com tudo quanto está escrito já nos pediu para ministrar este rito sagrado.

Como mora a centenas de quilômetros da sede desta Escola e não temos um representante próximo não pudemos atendê-lo imediatamente, mas estamos em correspondência para estudarmos a forma e a altura de ministrarmos este rito ordenado pelo Senhor. E enquanto escrevo estas linhas tenho diante de mim a última carta que nos escreveu, na qual também se lembrou daquilo que pertence a Deus, juntando também o dinheiro para pagar o livro «Orientação da Criança», de E. G. White, que acaba de encomendar e que já temos pronto para seguir pelo correio.

A Escola está empenhada num evangelismo especial que se estende por todos os pontos desta grande Província. O único contacto que muitos tem com a Bíblia é através deste curso, ou por meio do material que lhes enviamos ou que eles encomendam. Ficaremos gratos por qualquer donativo que nos queiram enviar para ajudar o nosso trabalho. E não se esqueçam de arranjar inscrições para este precioso curso que é grátis. E por tudo um sincero muito obrigado em nome do Senhor e da Escola Rádio Postal.

# Histórias Africanas



## O Ambicioso e o Ladrão

Em 1957 houve falta de chuvas e a fome fez-se anunciar nas terras do além-Cunene.

O velho Ciaio Camungumba, da tribo dos *Vangangela*, não tinha sequer uma maçaroca para dar à mulher e aos filhos. Aflito, como último recurso, resolveu ir pescar no Kungwe, um afluente do Cunene. A sorte favoreceu-o. Em poucas horas encheu um cesto de grandes e apetitosos peixes. Louco de alegria, correu para casa e deu conta à família do êxito obtido. Depois de discutirem um pouco, ficou resolvido que os peixes fossem vendidos por bom preço e que, com o dinheiro assim obtido, se comprasse milho nas lojas dos brancos de Jamba-ya-mina.

O velho pôs-se a caminho da estação do Dongo, pois pensava que aí os brancos lhe dariam muito dinheiro pelo peixe. Entretanto, achou por bem passar primeiro pela casa do nosso monitor adventista de Katápua, Benjamim Jeremias. Talvez ele lhe comprasse um peixe, ou talvez mais!

Foi recebido por uma das filhas do Benjamim, que logo sentiu crescer água na boca ao contemplar aqueles peixes tão fresquinhos!

«O pai não está, mas não demora», disse ela.

Efectivamente Benjamim chegou pouco depois e propôs-se comprar um peixe. Tirou da algibeira uma moeda de 2\$50 e estendeu-a ao velho Ciaio.

Este indignou-se. Num tempo de escassez como aquele, pretender comprar um peixe por 2\$50 era fazer pouco da sua dignidade! Discutiram a trasac-

ção mas não chegaram a efectuá-la pois ambos estavam renitentes.

O velho, sem mais delongas, resolveu percorrer o dia de caminho que o separava do Dongo.

Depois de palmilhar uns bons quilómetros, encontrou um homem da tribo dos *Vanyemba* que descia a montanha do Matome. Cumprimentaram-se, e, ao saber que o velho levava peixe no cesto, o viajante propôs-se comprar algum para juntar como «conduto» ao pirão que já levava pronto na panela.

Repetiu-se a cena anterior. O *unyemba* ofereceu 2\$50 por um peixe e o *ungangela* pediu 15\$00 por cada um. Não conseguiram chegar a acordo e o velho pôs o cesto à cabeça e continuou viagem.

O *unyemba* é que não ficou satisfeito com aquela solução. A sua mente primitiva começou a trabalhar febrilmente procurando um meio de saciar o apetite despertado pela visão daqueles peixes suculentos.

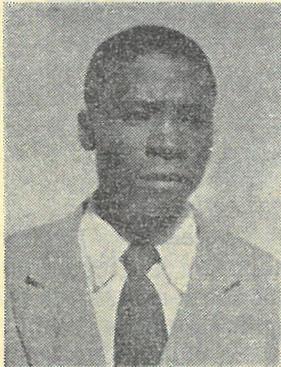
Lesto como um gamo, cortou caminho pelo mato e colocou no meio da estrada um dos sapatos de um velho par que levava na trouxa. Seguidamente escondeu-se entre as *ovisapa* para observar. Dentro em pouco o velho Ciaio chegou ao local e parou a olhar o sapato. «De que me serve um sapato só?», pensou em voz alta. Decidiu que não valia a pena baixar-se e continuou o seu caminho.

O *unyemba* saiu do seu esconderijo e, apanhando o sapato, correu novamente pelo mato, de forma a ultrapassar

*Continua na pág. 13*

# Pelo vale da sombra da morte

por Domingos Paulo



«Ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte não temeria mal algum, porque Tu estás comigo; a Tua vara e o Teu cajado me consolam». Sal. 23:4.

Durante os acontecimentos de 1961, fomos assaltados pelos terroristas na catequese adventista de Prata, no dia 5 de Agosto desse ano.

Estava ali a assistir ao óbito da filha do irmão mestre Lourenço da Costa. Fiz dois estudos bíblicos sobre a causa da morte e a esperança que todo o crente tem da ressurreição dos mortos quando Jesus Cristo vier nas nuvens dos céus pela segunda vez para buscar os justos. O povo estava à roda das fogueiras escutando atentamente a mensagem. Depois do estudo feito, cantámos alguns hinos.

Como já era tarde demais fomos deitar-nos. Qual não foi o nosso grande susto quando ouvimos as explosões das espingardas (canhangulos) dos terroristas! Levantei-me, vesti-me, ajoelhei-me em oração, pedindo a Deus a salvação da minha vida. A oração não foi longa, mas breve, e recebi a resposta imediatamente. «Senhor Deus, estou em perigo de morte. Se Tu queres que eu trabalhe mais na Tua Obra, salva-me». Saí fora de casa, passei pelo meio dos inimigos, que correram para me matarem. Graças a Deus só apanhei uma cacetada na cabeça, caí no chão e perdi os sentidos. Quando recuperei os sentidos, continuei a correr para o Posto Administrativo, onde fui socorrido pela tropa.

O meu colega, sua esposa e alguns dos nossos membros estavam gravemente feridos. Estes também foram socorridos pela tropa.

A morta foi lançada pelos terroristas numa das grandes fogueiras. No dia seguinte só foi possível encontrar uns restinhos do corpo da extinta. Toda ela já estava queimada.

No dia 11 de Outubro do mesmo ano, tive outro desastre. Uma fâsca caiu sobre a minha casa. Morreram quatro rapazes nossos alunos e eu fiquei com os pés fulminados. Mas outra vez pedi a Deus a Sua protecção.

Fiquei três meses em tratamento na Missão. Fui bem tratado pelo Sr. Director Carlos Esteves, sua Esposa e pelos enfermeiros nativos.

Os nossos irmãos e amigos diziam-me que não seria bom voltar outra vez ao mesmo sítio. Lembrei-me das palavras que se encontram no Hino 211 do Hinário Adventista:

«M. V., M. V., nunca recuar!  
M. V., M. V., Cristo anunciar!  
Fielmente aqui lutar, por Jesus vencer,  
Missionário Voluntário sempre, até morrer!»

O soldado de Cristo não deve recuar, mas ir sempre para a frente, obedecendo ao mandado do nosso Capitão, sempre avante até morrer. E assim decidi voltar para o mesmo lugar e trabalhar para Cristo. Não pude fazer tanto como antes, mas graças a Deus fiz o que pude.

Por todos estes acontecimentos dou graças a Deus, que me livrou. Certamente estive a andar pelo vale da sombra da morte.

«Vai para tua casa, para os teus e anuncia-lhes quão grandes coisas o Senhor te fez e como teve misericórdia de ti.» Marcos 5:19.

Prezado leitor, não escrevi este artigo para te contar as minhas dificuldades, mas sim para te anunciar as grandes coisas que Deus fez em meu favor e como teve misericórdia de mim.

A nossa carreira não acaba aqui. Havemos de enfrentar outros perigos, mas confiando em Deus nunca seremos desamparados.

# UMA DECISÃO FELIZ

por A. Candeias

Foi em Abril de 1943 que eu vi, pela primeira vez, o irmão Miguel Jorge. Nós tínhamos acabado de chegar e não conhecíamos nada acerca do povo quíoco e das coisas de África e gostávamos de fazer perguntas acerca de tudo e de todos os irmãos nativos.

Em conversa amena com o irmão Miguel foi-nos dito que o seu irmão que estava no Congo lhe havia escrito a dizer para ir para lá viver, porque a vida lá no Congo era melhor e mais fácil. Ao ouvirmos estas palavras perguntámos: «Miguel, que vai você fazer?» Miguel respondeu que ainda ia pensar sobre o assunto e depois decidiria. Alguns dias depois voltámos a perguntar: «Miguel, então, vai deixar-nos?» Desta vez a resposta foi decisiva, pois o irmão Miguel disse-nos as seguintes palavras: «Pensei e decidi não ir, pois como podia eu ir e deixar os Missionários sem ajuda? Fui para o Bongo para estudar para ser catequista, mas a minha cabeça era muito dura e eu não podia aprender bem, de modo que resolvi voltar para a Missão e trabalhar com os missionários, ajudando-os nas viagens e nas campanhas missionárias e, assim fazendo, sei que estou também a ajudar a Obra de Deus.» Depois desta conversa que tive com Miguel, fiquei a pensar nas palavras ouvidas e duvidei que fossem esses os motivos porque Miguel decidiu não ir para junto de seu irmão, onde a vida era mais fácil.

Hoje, depois de se terem passado todos estes anos e de conhecer muito bem Miguel, sinto vergonha de ter duvidado das palavras e fé deste irmão.

Miguel é um bom adventista que ama verdadeiramente o seu Salvador e

vive a mensagem tanto quanto ele a compreende. Miguel é um servo dedicadíssimo aos missionários e muito esforçado nos trabalhos das viagens de rotina e missionárias. Seja debaixo do sol ardente ou sob o frio de uma noite de cacimbo, desenterrando o carro, ou andando grandes distâncias para procurar socorro, seja com fome ou sede, seja na Missão ou muito longe de sua família, Miguel está sempre muito contente e diz que se sente feliz por trabalhar na Obra de Deus.

Quantas vezes eu tenho perdido a minha paciência ao passo que Miguel sempre conserva a sua boa vontade e sorriso! Miguel também prega a Palavra de Deus aos seus irmãos de côr. Oh, sim! As Palavras de Miguel eram verdadeiras! Ele desejava trabalhar na Obra do Senhor. Não pode ser catequista, mas podia à mesma servir a Deus, acompanhando e servindo os missionários nas viagens missionárias e campanhas de evangelização.

Miguel já sofreu alguns acidentes de carro, ficando mesmo muito ferido num destes acidentes, mas não se lamentou, porque ele decidiu servir a Deus com todo o seu coração.

Miguel tem cinco filhos e é um pai e marido muito dedicado e extremoso. Quando olho para Miguel e o vejo alegre, sempre a sorrir-se e pronto para tudo, penso naquelas palavras que ele me disse, há muitos anos: «Decidi não ir». Que bela e feliz decisão! Decisão feliz para Miguel, para a Obra e para mim mesmo, pois que Miguel tem sempre sido uma boa ajuda e fonte de inspiração para mim.

# Ao serviço do Deus vivo

## Pesca frutuosa

Um dia, estando o Senhor Jesus a andar perto do Mar da Galileia, viu os dois irmãos Simão Pedro e André pescando com as suas redes.

E Jesus os chamou, dizendo: «Vinde após Mim, e Eu vos farei pescadores de homens». Mateus 4:18, 19.

Todos os que moram perto dum rio ou do mar sabem muito bem como pescar. Quando querem apanhar o peixe, primeiramente procuram a qualidade de alimento de que o peixe gosta. Nós, os nativos, usamos gafanhotos e minhocas, mas os que pescam no mar usam peixes pequenos.

A nossa obra entre os nativos aqui em Nova Lisboa está a desenvolver-se devido à escola. Este é o nosso grande anzol com que pescamos as crianças desta cidade. Os pais trazem-nos as crianças só com o interesse de que as ensinemos a ler, escrever e contar. Mas nós fazemos conforme o mandado do Senhor Jesus que diz: «Ensinando-as a guardar todas as coisas que Eu vos tenho mandado.» Portanto a todas as crianças que frequentam a nossa escola os nossos professores ensinam histórias da Bíblia, e por isso muitos alunos têm parte na Escola Sabatina das crianças e alguns estão inscritos na Classe de Ouvintes.

Irmãos, o Senhor Deus deu-nos várias maneiras de apanhar peixe pequeno e peixe grande. Havia em Cassema um homem pescador de peixes grandes, que se chamam bagres. Ele costumava pôr rãs no seu anzol e assim apanhava muito desta qualidade de peixe.

Uns vêm a Jesus por meio de ouvir a mensagem pregada, outros vêm a Jesus por meio dos cânticos, outros por meio da ajuda que recebem nas suas dificuldades, outros por serem tratados das suas doenças; uns vêm a conhecer Jesus por meio de folhetos, outros pela Voz da Profecia. Estes são meios muito importantes para pescar-

mos os homens, mulheres, rapazes, raparigas e crianças para Jesus.

Um dia apareceu-me uma família, à frente da qual vinha um menino chamado António Capusso. Os pais disseram: «Vimos entregar o nosso filho à vossa escola, mas ele já é cristão, já tem o baptismo.» De boa vontade recebi o filho, e o António Capusso começou a frequentar as aulas. Mas que fazia ele? Cada vez que o professor virava as costas para escrever no quadro, o António Capusso levantava-se do seu lugar e fugia a correr. Os outros diziam: «Senhor professor, lá foge o António.» O professor mandava-os apanharem-no. Eles iam atrás dele, apanhavam-no e faziam-no entrar outra vez dentro da escola. Ele ia para o seu lugar e chorava muito. E isto se repetia muitas vezes. Quando o professor lhe mostrou as primeiras letras, ficou a tremer e a chorar muito, dizendo sempre: «Eu não posso, eu não posso!» Mas o professor teve sempre muita paciência com o António Capusso.

Hoje ele sabe ler, escrever e contar. Em todas as nossas reuniões de estudo da Palavra de Deus, o António Capusso sempre está presente. Ele sabe fazer a oração do Senhor e é membro da classe das crianças na Escola Sabatina. Também está inscrito na Classe de Ouvintes e esperamos que um dia venha a ser baptizado.

Irmãos, nós somos pescadores de homens. Que o nosso Deus abençoe os Seus pescadores, a fim de que possam apanhar muitos mais peixes grandes e peixinhos para o Seu reino celestial.

Venâncio Chipopa

## Um cristão fiel

Muvumbo é um dos membros baptizados da igreja de Lumeje, e da catequese de Nacahenda. Não há na catequese quem o iguale na fidelidade nos dizimos e ofertas. Muvumbo tem uma vida boa e espiritual, influenciando assim os outros membros.

Tenho imensa alegria de poder relatar-vos um milagre que se passou no arrozal de Muvumbo. Isto aconteceu neste ano. Muvumbo semeou um grande arrozal. Veio o sol e queimou quase tudo o que ele semeou. Na lavra só apareciam algumas poucas plantas como ervas, uma aqui outra acolá. Todos os seus amigos da catequese tinham bastante arroz e assim Muvumbo andava triste. As suas palavras eram sempre assim: «O arroz é do Estado e eu sou cristão. Dou ofertas e dizimos. Assim espero que como Deus operou em favor dos Seus servos dos tempos antigos, assim também me ajudará.» Heb. 13:8. Com grande surpresa, operou-se um milagre na sua lavra. Muvumbo teve muito mais arroz do que todos os seus companheiros da catequese. Tem mais arroz para o Estado e também tem mais arroz para vender nas lojas. Agora está a preparar o bom dízimo para o Senhor.

Estou certo de que todos os leitores desta experiência terão prazer em contá-la ao povo. Malaq. 3:11.

Nunes Freitas

### Ele fechou a boca dos leões

Em 1957, quando estive no Muxixe, arranjei a minha lavra de mandioca. Quando vendi a crueira, ganhei 1.000\$00 e paguei os 100\$00 do dízimo, e fiquei com o resto.

Comprei três cabras. Um dia, pelas nove horas da manhã, surgiram seis leões que apanharam 16 cabras dos nossos vizinhos. De noite, enquanto eu dormia, os leões cercaram a minha casa. Como eu não podia fazer mais nada, fiz logo uma oração, enquanto alguns dos leões estavam no curral de cabras. Logo ouvi uma voz que me dizia: «Dá o arranque na moto.» Levantando-me dei logo o arranque, e os leões fugiram. Assim Deus livrou as minhas cabras.

Logo me lembrei do verso que diz: «Fazei prova de Mim. Por causa de vós repreenderei o devorador, para que não vos consuma o fruto da terra, etc.» Malaq. 3:11.

Diogo da Silva

### O Ambicioso e o Ladrão

Continuação da pág. 9

o velho. Numa curva do caminho colocou o outro sapato e, mais uma vez, escondeu-se.

Quando o velho Ciaio chegou à curva do caminho e viu o sapato, exclamou: «Que estúpido fui! Podia ter trazido o outro sapato e agora tinha o par. Mas ainda não é tarde.»

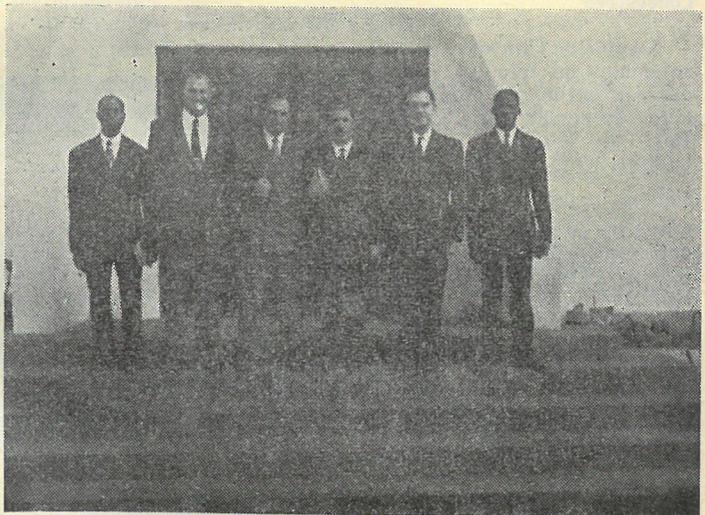
Com movimentos decididos colocou o cesto no chão, junto do sapato, e deitou a correr para traz, em busca do outro sapato.

Com um sorriso de vitória, o *unyemba* saiu do mato e apossando-se do cesto do peixe e do seu sapato, desapareceu para nunca mais ser visto.

De regresso a casa o velho passou por casa do nosso monitor e contou a história.

Pobre *ungangela* ambicioso! Pobre *unyemba* ladrão! Ambos precisais do Evangelho.

J. E. R.



Joaquim M. Miranda e Carlos A. Esteves no dia da sua consagração ao ministério.

# Notícias do Campo

## Obreiros em gozo de licença

A fim de gozarem a sua licença, partiram: em 5 de Abril, D. Theodora Zuercher, para a Suíça; em 18 do mesmo mês, o Pastor Joaquim de Matos Miranda que, acompanhado de sua Esposa e Filha, vai doutorar-se em Filosofia, nos Estados Unidos; em 25 de Maio, acompanhado de sua Esposa e Filhos, o Pastor Carlos Ascensão Esteves, que assistirá a um curso de Teologia, no Seminário de Collonges, França.

## Hospital do Bongo

### O Laboratório de análises

Temos satisfação em anunciar aos leitores do Boletim que o laboratório do Hospital do Bongo está a funcionar.

Por muitos anos tem sido o desejo do Hospital do Bongo ter possibilidades para poder fazer análises ao sangue, etc., para os doentes. Não tem sido fácil obter o equipamento e os produtos químicos necessários para o funcionamento do laboratório. Embora ainda hoje não tenhamos tudo que é de desejar, temos suficiente para fazer os trabalhos essenciais.

Esperamos que com o andar do tempo o laboratório nos possa dar mais informação sobre as causas de doença e assim ser uma ajuda em fazer os diagnósticos e orientar o tratamento dos doentes.

Roberto Parsons

## Campo Missionário de Nova Lisboa

### Convenções

Depois da Convenção de Guluve, a que nos referimos no número anterior deste Boletim, tivemos o privilégio de seguir para a área do Posto de Vila-Flôr, onde realizámos a Convenção do Buengo.

A nossa aldeia do Buengo encontra-se num local admirável, entre lindas montanhas e extensos campos de trigo e de batata.

Entre os que se voltaram para Deus, durante esta Convenção, encontrava-se um jovem da aldeia de Catapi, chamado Armando Menino. A sua vida era uma sombra negra na aldeia. Vez após vez, ele seduzia uma mulher para logo ser apalhado, amarrado e espancado. Por várias vezes teve que pagar largas somas aos maridos ultrajados, segundo o uso gentili-

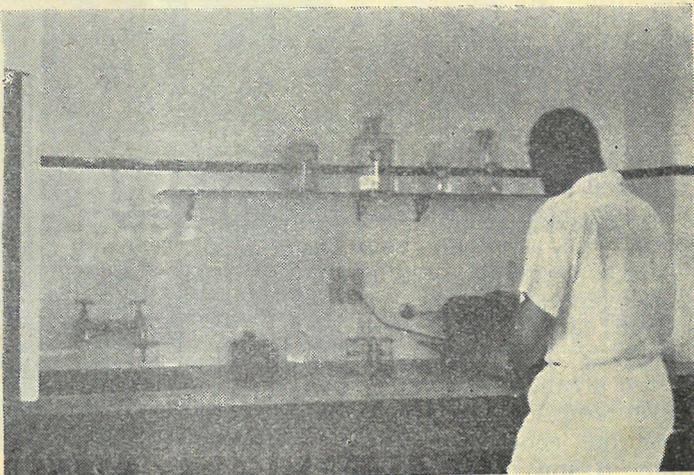
co. Contudo não tinha emenda. Graças a Deus foi tocado pelo Espírito Santo e prometeu, com o auxílio divino, mudar de rumo e trilhar caminhos mais nobres. Não podemos calcular a alegria dos habitantes de Catapi. Não nos esqueçamos deste jovem nas nossas orações.

Seguimos depois para a aldeia do Upunda, na área do Concelho de Bela-Vista. Devemos salientar que estavam presentes membros e simpatizantes vindos da aldeia do Ulondo, que fica a 60 quilómetros do Upunda. Sairam de casa antes do sol romper e só chegaram ao local da Convenção quando já era noite fechada. As crianças tinham os pés inchados. É de louvar este interesse pelas coisas de Deus. Também nos alegrámos por ver um nosso irmão mestiço, latoeiro de profissão, de nome Casimiro, voltar à casa paterna.

Não pudemos estar presentes às Convenções de Chololo e de Caissema. Felizmente, o Presidente da nossa União, Pastor E. Ferreira, acedeu amavelmente ao nosso convite e animou, com a sua presença, a Convenção do Chololo.

A primeira Convenção que realizámos na área do Concelho de Caconda foi na aldeia do Cuinavo, uma ramificada da catequese de Chico-Sul. Ao chegarmos lá, deparou-se-nos uma vista que já vai sendo rara nos planaltos centrais de Angola: a aldeia no meio de uma vegetação espessa e luxuriante!

Como chegámos muito cedo, ainda pudemos assistir à chegada das populações das outras aldeias que vinham assistir à Convenção. As raparigas e as mulheres, com as suas trouxas à cabeça, desciam as colinas utilizando sinuosos caminhos gentílicos; os homens chegavam em velhas bicicletas com os pneus amarrados com *olondovi*; algumas famílias davam-se ao «luxo» de chegar em carros de



Roberto Parsons trabalhando no Laboratório do Hospital

bois. Todos estes elementos, movendo-se num cenário de montanhas e de verdura, davam ao ambiente um ar festivo e pitoresco.

Após a reunião da noite, fomos procurar descanso para os nossos corpos fatigados nas camas de campanha. Mal havíamos adormecido, fomos acordados pelo barulho de uma onça que nos fazia uma serenata ao luar ou, o que é mais provável, festejava a captura de um dos muitos macacos que enxameiam a região.

As reuniões decorreram num espírito de intenso fervor e notámos que o Espírito Santo actuou poderosamente nos espíritos dos presentes.

O nosso gravador de pilhas fez sensação no Cuinavo. Depois de termos ouvido os hinos e as mensagens dos irmãos que se haviam reunido no Buengo e no Upunda, grande número de presentes quis gravar hinos especiais e mensagens para os irmãos que se iriam reunir em Lumäi e Chitápua.

No Sábado, como resultado do trabalho do Espírito Santo, 18 pessoas decidiram-se a seguir a Cristo.

Domingo de manhã, dia 26 de Maio, partimos para Lumäi. Esta ramificada fica a uns 70 quilómetros de Caconda, na estrada que vai para a Matala. Perto da aldeia encontra-se a povoação de Cutenda.

Os habitantes, na sua maioria, são quíocos. Receberam-nos muito bem e expressaram a sua alegria abatendo um boi, cuja carne distribuíram por todas as casas da aldeia.

Ao ter conhecimento da nossa chegada, o soba Lumäi, sucessor do soba Bimba, veio da sua *ombala*, com o seu séquito, para nos cumprimentar e oferecer uma cabra. Ficámos indecisos, sem saber o que fazer com a cabra, mas, para o não ofender, aceitámos a oferta que procuramos retribuir na medida do possível.

À noite, sentados à volta de uma fogueira, à maneira do *onjango*, ouvimos histórias do rico folclore indígena, contadas pelos velhos. Recordamo-nos da conhecida história «Namilimba e a Tartaruga» e outras como a do coelho que devia ao elefante e ao hipopótamo.

Foi inspirador o interesse manifestado pelas populações do Posto da Chicomba pela nossa mensagem. Há um grande futuro para a nossa obra no Sul de Angola.

Ao apelo de dedicação responderam 47 almas. Entre elas, notámos a presença de três jovens da tribo *Muhumbi*. Os membros desta tribo vivem da pastorícia e são muito refractários à civilização. Poucos são os que têm transitado do seu primitivismo e etnicismo para condições mais evoluídas e civilizadas. Ao que sabemos, só há um *Muhumbi* adventista até à data. Trata-se do velho concunda Cavimbe, da aldeia de Luhaca, com quem tivemos o prazer de conversar. Oremos por aqueles três jovens que entregaram o seu coração a Jesus. Eles são as primícias de um grande trabalho que nos aguarda no Sul. Também não queremos deixar de registar a recon-sagração de um catequista que caíra em pecado aberto e fora riscado da Igreja.

Depois de um banho refrescante num rio

infestado de jacarés, partimos para Chitápua, uma aldeia na margem direita do Cunene.

Com uma cana de pescar emprestada, depois de atravessarmos algumas «mulolas», tentámos a nossa sorte numa das muitas «mupa» do Cunene. Não fomos desapontados. Pescámos dois excelentes peixes com cerca de 800 gramas cada um.

Mas não era essa pesca que mais nos interessava. O nosso pensamento estava nas almas que, aos poucos, se reuniam na aldeia.

As reuniões decorreram em bom espírito e registámos, com alegria, a presença dos comerciantes europeus da Chitápua.

Entre os que se dedicaram, vimos o Rodrigues Dassala. Este irmão, em tempos, foi «sêculo» da nossa aldeia. A sua fé esfriou e ele abandonou a fé. Tomou outra mulher, tornando-se culpado de bigamia. Veio à Convenção e não pôde resistir ao apelo do Espírito. Entregou-se ao Senhor e resolveu abandonar a sua segunda mulher.

No fim destas abençoadas Convenções, podemos dizer que o Senhor esteve realmente connosco.

Damos a seguir os principais elementos estatísticos referentes às Convenções do Campo Missionário de Nova Lisboa.

Locais	Presenças	Dedicações
Guluve	632	29
Buengo	542	37
Upunda	500	49
Caissema	613	57
Cuinavo	434	18
Lumäi	255	47
Chitápua	455	16
Totais	3.431	253

José Eduardo Rodrigues

## Campo Missionário da Namba

### Convenção em Capeti

Nesta área não se realizavam convenções desde os acontecimentos de 1961. Este ano graças a Deus, tivemos o prazer e o privilégio de congregar os crentes da área de Chinguera, na aldeia de Capeti. Depois de termos participado o facto ao Sr. Administrador do Posto e obtido o seu consentimento, começaram os nossos irmãos a dirigir-se para o lugar da convenção. Era bonito vê-los chegar, em grandes filas por diferentes caminhos, trazendo consigo o necessário para estes dias de festa.

O Director do nosso Campo Missionário estava também connosco. Dado que o ano de 1961 foi tão funesto para a Obra de Deus, neste Campo Missionário, pensávamos, como o profeta Elias, nos tempos do rei Acab, que poucos membros tínhamos por aqui. Como foi animador para nós, vemos chegar tantos irmãos, cheios de fé, cheios de zelo e de entusiasmo! Tivemos oportunidade de apreciar belos hinos especiais! As 600 pessoas que se

reuniram conosco em Capeti, não esquecerão, por certo, tão depressa, o ambiente de fé e de devoção que reinou no nosso meio. Houve três almas que decidiram começar uma nova vida em Cristo.

Tirada a oferta especial vimos que rendeu 455\$00. As vibrantes mensagens espirituais que ao Senhor aprouve enviar-nos durante esta convenção, ajudar-nos-ão a firmar a nossa fé e a certeza da nossa salvação em Cristo. O dia de Sábado foi um dia especial para nós. A parte da manhã foi preenchida com a Escola Sabatina e o culto. De tarde houve o serviço da Ceia do Senhor e uma reunião dos M. V. Nesta reunião, cada catequese representada apresentou um pequeno programa especial.

Como o nosso Director na semana seguinte teria que assistir a uma outra convenção em Sacawewe, perto de Balombo, aproveitou para visitar algumas catequese da área de Chinguera. Por toda a parte fomos recebidos com amostras de simpatia e de fraternidade cristã. Devemos dizer que nesta área de Chinguera temos apenas um obreiro regular, saído do Instituto do Bongo. Todo o trabalho tem sido realizado por obreiros leigos. Muita falta temos de obreiros para desenvolvermos o trabalho do Mestre. Neste momento vêm-nos ao pensamento as palavras do Senhor Jesus: «Rogai ao Senhor da Seara que envie obreiros para Sua Seara». Lucas 10:2.

Vosso conservo em Cristo:

Elias Samucanda

## Lobito

Quando se conquista uma alma para o conhecimento da Mensagem, é-nos grato ver a sua evolução e a forma como se abre às instruções do Espírito. É como se vissemos um ramo seco encher-se de vitalizante seiva e dele brotarem tenras folhas, levando-nos a crer que, com a graça de Deus, poderá vir a tornar-se árvore frondosa. E, graças ao Senhor, ainda há contactos missionários que podem ter esta boa conclusão. Assim sucedeu com minha irmã de sangue, Maria Fernanda. Ela recebeu a Mensagem e pôs-se logo a trabalhar para seguir os Seus ensinamentos. Levantavam-se algumas dificuldades, todavia. Uma delas, a guarda do Sábado, pois ela é empregada numa importante empresa. Tentou várias vezes, junto da gerência, embora a princípio não abertamente, obter o Sábado, mas as esperanças dessa concessão eram muito reduzidas. Naquele gabinete o Mandamento do Senhor não merecia especial atenção. Comunicou depois com colegas seus de Luanda, que sabia frequentarem a Igreja Adventista, e por eles soube que também não lhes fora concedido o Sábado.

Todavia minha irmã não desanimava. Orávamos sempre para que algo pudesse suceder que modificasse a triste situação. E parecemos que, finalmente, surgia uma boa ocasião. Tratava-se da vinda do director da Companhia,

o qual, se quisesse, poderia atender o pedido de minha irmã. Antes porém, ela deveria falar com o gerente para que, por seu intermédio, o assunto pudesse ser apresentado.

Creio que o inimigo começou a trabalhar, arduamente, em redor de minha irmã, pois ela contou-me mais tarde que na altura de ir ao gabinete do gerente se encheu de temores, de suores frios, de nervosismo, de uma relutância que não podia vencer nem compreender. Fechou-se então no arquivo e aí orou para que Deus a fortalecesse e lhe enviasse um Anjo que a ajudasse. E, depois de assim ter orado, viu-se a subir a escada de acesso ao gabinete do gerente, como se alguém a estivesse conduzindo até ao topo. Uma vez ali, já não podia voltar atrás, mesmo que quisesse. Com efeito, o gerente virou-a e perguntava-lhe o que desejava. Aproximou-se toda trémula, mal podendo falar a princípio, mas depressa se sentiu fortalecida. Vinha ali para renovar o seu pedido, propondo-se trabalhar mais uma hora por dia para compensar as quatro horas de Sábado, e chamava a atenção do gerente para a importância vital que este assunto tinha para ela.

Ela ali estava lutando pelo seu Sábado e o Senhor não a desamparou, pois o coração daquele humano intermediário foi tocado. A resposta foi: «Vá descansada, que tudo farei para lhe obter o Sábado. E, se conseguir, não se esqueça de mim nas suas orações.» Estava vencida uma barreira. Restava agora esperar pela vinda do director que daria a resposta definitiva. Pedimos então a alguns dos nossos Irmãos que juntassem as suas orações às nossas pelo mesmo pedido.

Enfim, o director chegou. Vinha com curíssima demora, porque devido a uma avaria no avião da carreira, tomara a avionete particular da Companhia e tinha que regressar no mesmo dia. Minha irmã, sentada à máquina de escrever, orava mentalmente, e não podia deixar de se lembrar que havia tantos assuntos da Companhia a tratar com o director naquelas três horas escassas.

Mas o Senhor não a abandonara. O seu pedido não foi esquecido, pois o gerente informou-a de que o director acolhera bem o pedido. Contudo, a resposta definitiva só viria dali a quinze dias. Oramos ainda mais. Dominava-nos uma firme esperança e confiança n'Aquele que tudo pode e vela pelos Seus filhos.

Certa manhã, recebi de minha irmã um bilhete. Dizia: «Bendito seja Deus! As nossas orações foram ouvidas. O meu pedido foi atendido e, não só eu, mas todos os meus colegas terão o Sábado livre.» Havia só uma reserva: em cada uma das secções um dos empregados ficaria de serviço todos os Sábados. Apenas minha irmã ficava com o Sábado completamente livre, não necessitando de comparecer.

Que Deus seja louvado por esta vitória e abençoe aqueles que manifestaram tão boa vontade para a resolução do problema de minha irmã.

Maria Manuela Câmara